

## CRIATURA-DE-FRANKENSTEIN DO CORPO DE VOZES HACKEADAS

Alexandre Américo<sup>1</sup>

os bailarinos estão progressivamente retrocedendo nos seus próprios percursos e nos da história da dança a fim de encontrar o objeto *de sua busca*. reencenações. assim, corpo é imagem no fluxo do tempo. tornar e retornar a todas aquelas trilhas e passos e corpos e imagens que se propõem continuamente, torna-se paradoxalmente numa das marcas mais significativas da coreografia experimental contemporânea. a imagem passa a receber maior ênfase quando se olha um corpo em movimento. as imagens são acontecimentos e declaram que o corpo é arquivo, e o arquivo, corpo. as informações do meio se instalam no corpo, o corpo alterado por elas, continua a se relacionar com o meio. meio e corpo se ajustam permanentemente num fluxo inestancável de ideias e conceitos. *meio é a mensagem*, mas para desbloquear, liberar e realizar a dança contemporânea desprendida de um vocabulário de movimentos eficazmente pré-estabelecido por alguma técnica de treinamento codificada, o corpo não pode refazer uma ação. se destina a transformar a imagem como informação em um arquivo, pois, o corpo que dança não encena algo – ele está algo. o corpo não é passivo, não há mais espaços para indagações que busquem identificar um significado unívoco e absoluto para uma peça de dança, a seleção natural produziu esse design para o corpo e, justamente por isso, ele só pode ser pensado como uma espécie de mídia de si mesmo, mas, sim, cabe indagar sobre o modo como as questões tratadas por uma obra foram reconfiguradas e organizadas pelo corpo que dança sintonizados com a urgência de confrontar identidades congeladas e suas políticas identitárias caducas compatível com as novas voltas do capitalismo globalizado. extemporaneidade, debilidade do pensamento para esticar o tempo, ganhar tempo. por precisão, lutar contra a velocidade digital que você quer saber e não pode descobrir pela meditação, pois não somos nós quem sabemos mas, a princípio, o fim do pensamento teleológico. a seleção natural não tem direção e sem direção o corpo é impactado por dispositivos de poder que tentam paralisar os fluxos negligenciando as transindividuações, movimentos inacessíveis a olho nu. o sentimento existencial, exceto do tempo, impotência e passividade, permite improvisação e manobras complexas. um mundo interior de imagens a alta velocidade, um complexo temporal que as une a partir de sua própria disparidade. pela constituição de um mundo comum, esse mundo sensível, a montagem da hierarquia dos tempos a das

---

<sup>1</sup> Artista e Pesquisador da Dança com Licenciatura em Dança e Mestrado pelo PPGARC, ambas pela UFRN. Hoje é atuante na área da investigação em Arte Contemporânea, com enfoque em estruturas performativas, improvisação e seus desdobramentos dramáticos. Ex-aluno Especial de Doutorado em Estudos da Mídia, UFRN e Diretor Artístico da Cia Gira Dança (Natal-RN).

capacidades – um dos nossos vestígios cognitivos mais profundos e difíceis de desestabilizar - é apresentada. afinal, o colonialismo, a condição de uma pessoa com amnésia, denota uma desconexão ou hiato na percepção corporal. o ato de desobedecer é como a água sem ter lutado para gerir o caos, é como cobra – poético, estético, político. o desafio aqui se configura na determinação de princípios éticos e estéticos que direcionam as tomadas de decisão: deveríamos ter vergonha. é que esse ritual podia durar meses e até anos, sendo o canibalismo apenas uma de suas etapas. a noção de antropofagia - devoração crítica e irreverente do outro sempre múltiplo e variável gerando uma plasticidade de contornos da subjetividade, fluidez na incorporação de novos universos, hibridação, coragem, improvisação, experimentação para criar territórios e respectivas cartografias - afirma o poder poético da arte: dar corpo às mutações que se operam nos afetos do presente na medida em que funciona na experiência de outros que não aquele que a criou. o encontro com os ancestrais é apenas uma das muitas experiências impossíveis tornadas possíveis nesse estado – arte.

Texto tipo criatura-de-Frankenstein do *corpo das vozes* hackeadas de

Lepecki

Bittencourt

Hércoles

Greiner

Katz

Damásio

Salles

Abreu

Rolnik

Rancière

Tzu

Sacks

Kleist

Ferraz

Ribeiro

Dewey

Tsé

Nietzchie

Feline

com uma imagem infinitamente grande, *forma e sentido coexistem* sem conteúdo algum. que não se ouve. que ninguém pode ver. ser meio para nenhum fim.